

O CÉU NAS MÃOS



O céu nas mãos

Samarone Lima



MOINHOS

Sumário

Livro I

No colo da memória

- 17 Espera sem tempo
- 18 Como um perdão
- 19 À margem
- 20 Alma antiga
- 22 Errância
- 23 Esperança sem nome
- 24 Paisagens
- 26 O céu nas mãos
- 27 Indecifrável
- 28 Cortejo
- 31 Fronteira
- 32 Contemplação
- 33 Adeus sem lágrimas
- 34 Esquecer
- 35 Estrela assimétrica

Livro II

O pão dos homens

- 39 Migrações
- 40 Tua sombra
- 41 Vastidão
- 42 Eternos
- 44 Quase em teu coração
- 45 Horas incompletas
- 47 No colo da memória
- 48 Ausência
- 49 Ungentos
- 50 Oferendas

- 51 Como um girassol
- 52 Meu átomo azul
- 53 Elogio da manhã
- 55 Orvalhos
- 56 Semelhantes
- 57 Heranças
- 58 Como um perdão
- 59 O pão dos homens

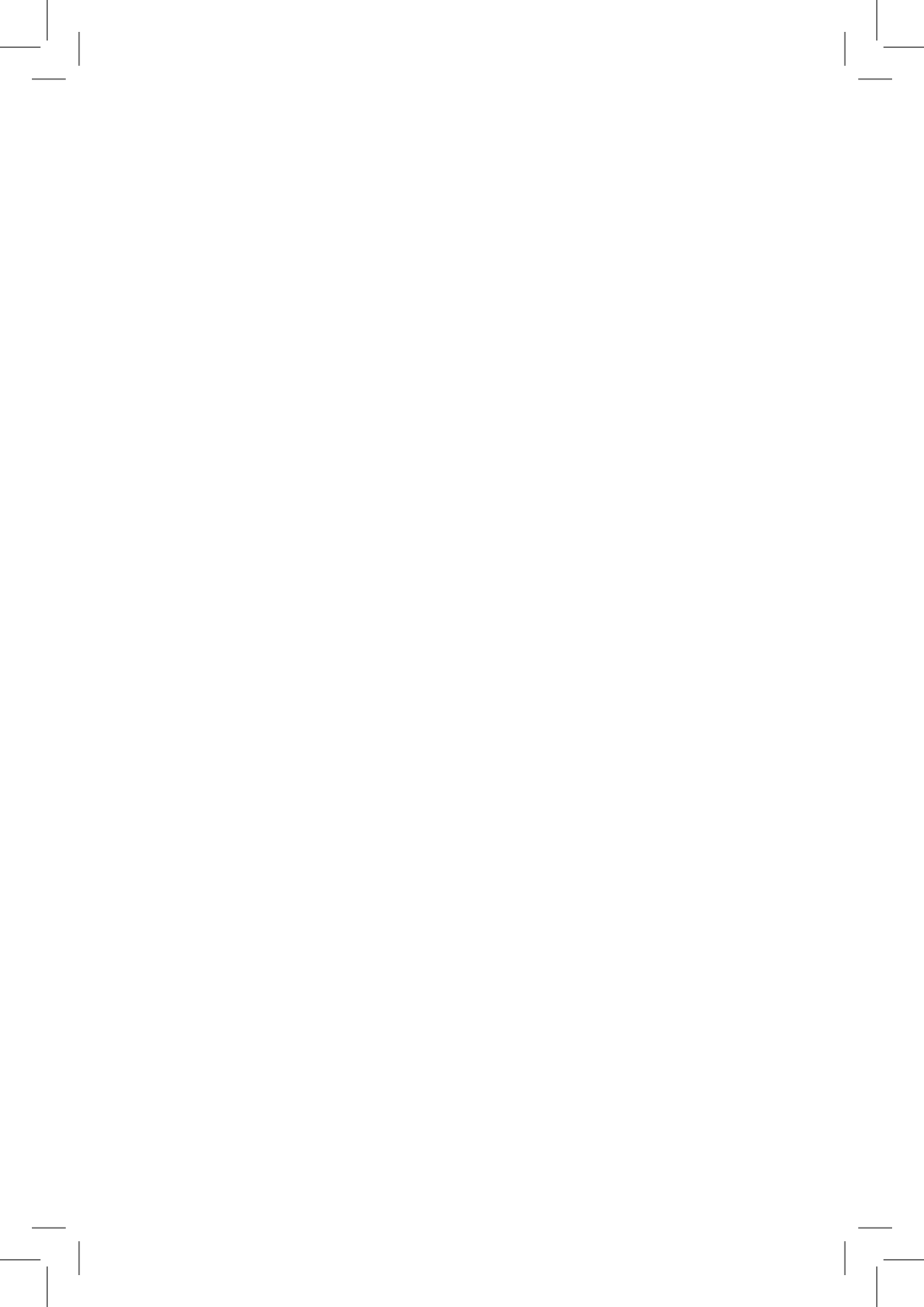
Livro III

O estandarte do efêmero

- 63 I
- 64 II
- 65 III
- 66 IV
- 67 V
- 68 VI
- 69 VII
- 70 VIII
- 71 IX
- 72 X
- 73 XI
- 74 XII
- 75 XIII
- 76 XIV
- 77 XV
- 78 XVI

*Aos amigos que me estenderam as mãos no Sebo Casa Azul de Olinda:
Esequias Pierre, Helder Barreto, Katarine Araújo,
Léo Antunes, Lucas Pinto e Rodrigo Édipo.*

*A Valda Colares,
pelas delicadas e intensas leituras dos originais.*



Para Belchior, poeta.



Para Arsênio, sempre.

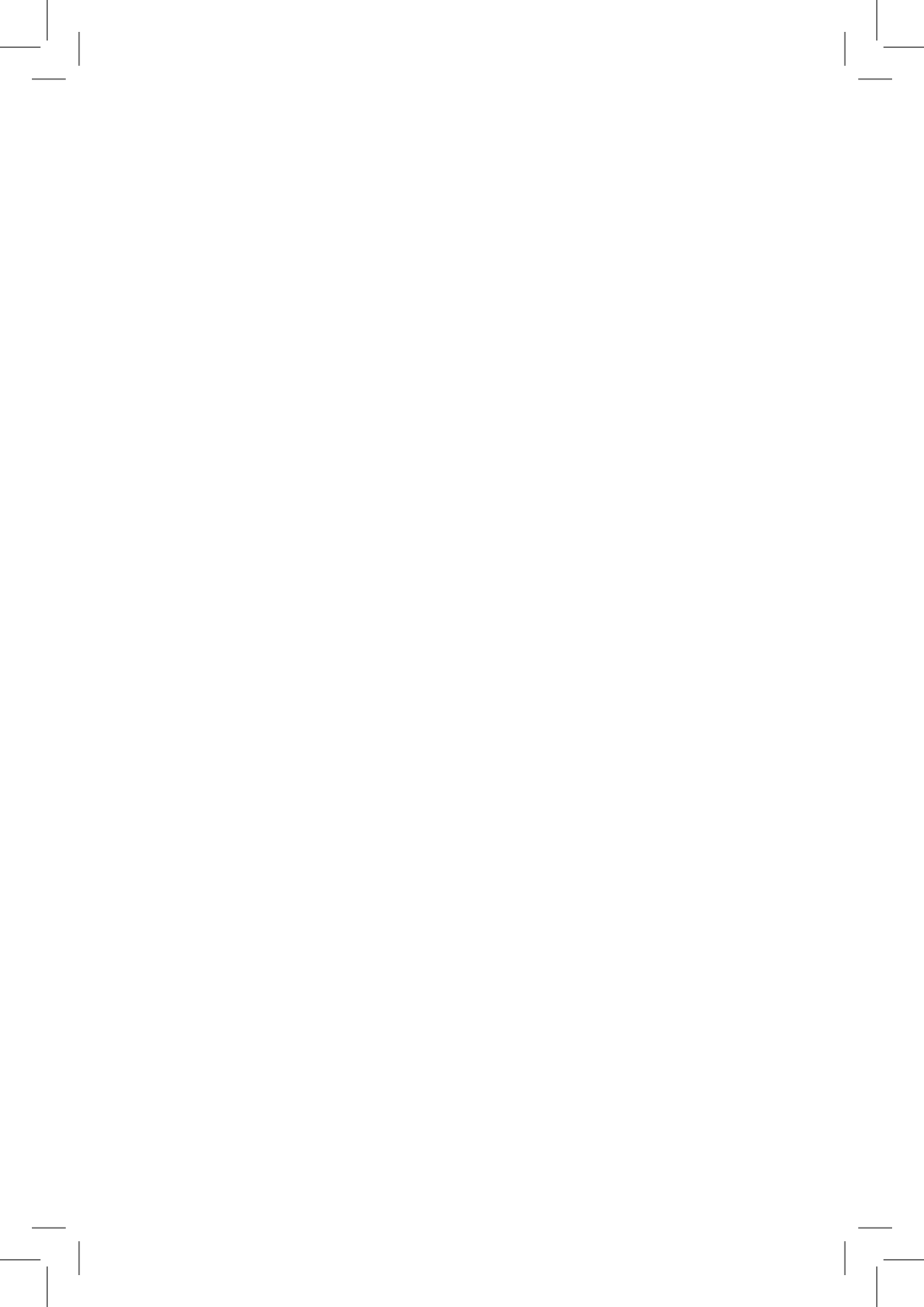


*“Simplesmente uma picada no coração.
Uma picada no coração do eterno.”*

Marina Tsvetáeva, em A verdade dos poetas



LIVRO I
NO COLO DA MEMÓRIA



Espera sem tempo

Cada dia uma aventura, um infinito
O gosto de falar sozinho
De costas ao espelho que não existe

O infortúnio, a dor
A desigualdade das mãos
Resvalando em outras mãos
Que invento

Cada dia um sopro, um susto
Uma gargalhada que ecoa
Na memória do amor

E o não dito
O guardado
Fica como uma espera sem tempo
uma casa desabitada
com a memória dos passos
a marcar o chão

Como um perdão

Dentro do teu silêncio
Tua boca como um sol

Teu silêncio
Em busca de um deus sem nome

Um alfabeto novo
Com palavras desgarradas

Dentro do teu silêncio
Tua alma
Como uma promessa

Teus olhos
Que a tudo batizam
Como um perdão

À margem

A fé na manhã que me amarra
Aos teus cabelos

E meus sentidos
Permanecem ofuscados
por uma neblina, uma calmaria,
Como se os olhos contemplassem
Uma espera à margem

Essa espera que não tem um ponto
Para se revelar
Que não conhece o tempo,
Que independe das estações,
das chuvas, das chamas
Das promessas dissolvidas
Das dissoluções gratuitas
Que nos damos sempre

Por descuido
Por medo

Ou, finalmente,
Por tanto amor

Alma antiga

Essa possibilidade de escrever versos
Que alguém, um dia, poderá ler
(e sentir algo próximo ao que senti)
Não veio de estudos
De projetos literários
De vocação familiar

Veio de uma saudade

De uma estrada irregular
Que a memória percorre e não esquece
De uma árvore velha, numa antiga aldeia,
Que geme seu tempo
Adorando a noite

Veio de uma janela aberta
Que nunca olhei
Por onde entravam chuvas, pássaros,
folhas, animais,
enfermidades, sopros,
rezas, mortes

Como se tivessem inventado
uma rede de murmúrios
Apenas para brincar
(e deixar a saudade ser minha esperança)

A estrada irregular, portanto
É uma existência efêmera que migrou
Para o meu sangue

Assim me visto para o dia
A cada folha ocupada
Cada palavra enterrada no meu chão
Acalento uma alma antiga
Que nada mais me pede

Errância

Eu era o derradeiro da santíssima trindade
E sentia como se vivesse
No centro das ausências
E sabia a cor das palavras
Os versos da errância
As capitais de um mundo grande
[que não era meu]

Eu era filho de terras malquistas
De um país sem nome
Abraçado a um malogro
Que sempre germinou
Às escondidas

Não sei onde errei

Se meu pacto
Desencontrou com o Diabo
Ou com Deus

Eu era pelo lado de fora
Daquela espécie que se perde na lama
Com seu lençol mais branco